

mental que já vem de longe e não tem sido sem eficácia.

O artigo, porém, vai longo, muito para além do que o espaço e o tempo o permitiam. E todavia, muito fica por dizer. Pedagogia, política, os problemas e discussões do dia — integralismo, parlamentarismo, organização da vida económica, organização da vida constitucional — de tudo o leitor encontrará no livro e em tudo admirará a incidência duma penetrante atenção que o ensinará a ver de mais perto, com mais serenidade, com maior capacidade de distinguir e julgar — e de tudo haverá de haurir uma mais inteligente confiança e um mais consciente amor da Democracia que ninguém melhor do que o autor sabe servir em Portugal.

HERNANI CIDADE.



ANTÓNIO NOBRE E AS
GRANDES CORRENTES LITE-
RÁRIAS DO SÉCULO DEZA-
NOVE, por *Augusto Ferreira
Nobre*.

Volume póstumo prefaciado por Adolfo Casais Monteiro num tom de sentida vibração emotiva, bem capaz de exprimir toda a simpatia e amizade, que os seus amigos e alunos lhe dedicaram.

Augusto Nobre não era um escritor, nem talvez qualquer coisa facilmente classificável. Porquê? Porque Augusto Nobre não escreveu para ser lido. Augusto Nobre era daqueles homens que, vivendo a vida angustiada do homem que se esgotou na procura de *qualquer coisa* de ordem afectiva ou intelectual, capaz de lhes garantir um sentido e valor à existência, se desesperaram.

Essa atitude de desespero ante a vida, que para os demais aparece como desinteresse e bizarria, criou em Augusto Nobre uma sensibilidade altamente religiosa, isto é, uma vibratidade piedosa e requintada ante tudo, porque tudo lhe aparecia em relações de simpatia comungante, que o homem vulgar não tem tempo para sentir. Daí a diluição dos seus interesses racionais. Era um homem para quem

a vida não devia ter a limitá-la qualquer imperativo de vontade ou inteligência, porque a vida era a vida, realidade concreta de infinitas possibilidades que o homem deve pretender viver na multiplicidade de todos os seus aspectos. E, na medida em que o homem se afirma qualquer coisa, nega-se uma multidão de outras coisas e, portanto, mutila-se, sem muitas vezes ter consciência clara dessa mutilação. Afirmar ou negar são atitudes fáceis que não esgotam toda a vida.

Há qualquer coisa mais onde tais atitudes recobram alento e tomam sentido. Mas sobretudo há qualquer coisa mais. Qualquer coisa que não é *coisa* mas sim possibilidade infinita, indefinida, ilimitada, informe. Se a vida é isto, não será quimérico viver apenas o que ela tem de racional ou de facilmente justificável por qualquer espécie de artificialismo racional?

Para tais homens o primado da vida deve ser viver, em toda a extensão e intensão, o que a vida vai concedendo, sem preocupações de ordem moral e valorativa.

Nietzsche, Cristo e Buda são os três degraus de plena libertação para Augusto Nobre. Nietzsche leva a Cristo (embora lhe chamem anticristão) e Cristo faz culminar a sua radiosa esperança de vida futura no sorriso de Buda, sendo este para Nobre, a expressão máxima de beatitude a que o divinismo do homem pode atingir.

DELFIN SANTOS.



ECONOMISMO — O equí-
voco sobre o valor da economia
política, por *Manuel Maia
Pinto*.

Um livro que é um livro porque o seu assunto não coube num artigo de jornal e que por isso, continua sendo um ou vários artigos. Daqui a falta de unidade e precisão patente nos seus quatro capítulos, em que o autor abordou, com ou sem motivo, uma multidão de problemas variadíssimos, desde a psicanálise e os fenómenos metapsíquicos até aos problemas de

ordem social, histórica e económica, manifestando a par disso as suas preocupações literárias, filosóficas e científicas.

Tudo isto obscurece a tese proposta e dificulta a leitura do livro.

E qual a tese? Primeiro, mostrar que a Economia política não é uma ciência. O autor analisa os conceitos primordiais com que se constituiu a pseudo-ciência e denuncia o carácter abstracto e falso das noções valorizadas pelos economistas. As relações económicas, o fenómeno basilar e mais concreto de toda a economia, não têm, como tal, existência. O que as faz considerar como tais é uma atitude intelectual característica dos tempos modernos, a que o autor chama economismo. O economismo é, pois, uma atitude desnaturada, que está para a economia como o cientismo está para a ciência.

Negado o carácter científico à economia política, passa o autor a considerá-la como uma moral, «a moral do

sensível, da aparência, da matéria, do que separa, do diabo»; como uma nova tábua de valores, causadora das guerras, das ditaduras e de todas as desgraças do mundo contemporâneo. A inversão dos antigos valores e a afirmação do primado do económico, promovido à dignidade de causa primeira, explica todos os fenómenos sociais da actualidade e todos os ataques à personalidade humana.

Estão em Nietzsche os fundamentos filosóficos desta moral. É isto que o autor quer demonstrar no último capítulo, partindo duma afirmação da «Vontade de Poderio», que diz não ser possível a acção desinteressada. Segue-se depois a condenação de todo o pragmatismo implicado e explicado nessa afirmação e de toda a interpretação da vida social e individual pelo factor económico ou materialismo histórico, «equivoco metafísico no plano do pensamento e loucura no plano da acção».

DELFIN SANTOS.